



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

# NEWSLETTER

NÚMERO 147  
OUTUBRO 2013



**O brilho das cidades  
A rota do azulejo**





Azulejos com tulpas, Hoorn, Países Baixos, c. 1630-1650 © Museum Boijmans van Beuningen, Roterdão

4

### Nova exposição do Museu Gulbenkian

Duas centenas de peças desde o Antigo Egipto até aos nossos dias, vindas de museus e coleções nacionais e internacionais de referência, vão estar patentes na nova exposição organizada pelo Museu Calouste Gulbenkian. A mostra intitulada *O Brilho das Cidades. A rota do azulejo* promete revelar imagens únicas a partir de **dia 25** na Galeria de Exposições Temporárias da Sede da Fundação.

12

### Gramática do Português

Mais de três mil páginas em três volumes e um trabalho exaustivo de 40 especialistas da língua fazem da Gramática do Português uma das obras de referência do Plano de Edições da Fundação Gulbenkian. No **dia 28**, serão apresentados dois dos três volumes desta obra destinada a todos os públicos que querem saber mais sobre a língua portuguesa.

20

### A arte faz a diferença

É um concurso destinado a todos os que acreditam na arte como um impulso para a integração social. Até **25 de outubro**, todas as organizações com ideias e projetos nesta área poderão candidatar-se ao financiamento do Partis – Práticas Artísticas para a Inclusão Social, uma iniciativa da Fundação Gulbenkian.



A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

**NEWSLETTER** NÚMERO 147. OUTUBRO. 2013 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais  
COLABORAM NESTE NÚMERO Afonso Cabral | Ana Barata | Ana Mena | Inês Ribeirinho | DESIGN José Teófilo Duarte |  
Eva Monteiro | João Silva [DDLX] REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga | IMAGEM DA CAPA Paineis de Azulejos, Pavão, de Max Laeuger,  
1908 | IMPRESSÃO Greca Artes Gráficas | TIRAGEM 10 000 exemplares | Av. de Berna, 45, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00  
info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



Jürgen Habermas

25

## Livros e leitura na era digital

A leitura digital substituirá o livro em papel? Que desafios se deparam ao livro e à leitura na era dominada pela internet? Estas e outras perguntas serão abordadas na Conferência Internacional de **dia 28**, na Fundação Gulbenkian. Neste dia serão apresentadas as conclusões de um estudo internacional sobre o impacto futuro da leitura de livros e documentos em formato digital. O convidado para a palestra de abertura é o filósofo e sociólogo alemão **Jürgen Habermas**.

26

## O futuro do desenvolvimento

Num momento de debate internacional sobre a revisão dos Objetivos de Desenvolvimento do Milénio e sobre o futuro do desenvolvimento global após 2015, esta conferência quer centrar o debate nos oito países que constituem a CPLP. *O Futuro da Agenda Global de Desenvolvimento: visões para a CPLP* está agendada para **dia 17**, no Auditório 2 da Fundação, e tem entrada livre.



© Vanda Vilela

30

## Dia D

No **dia 5** de outubro começa a nova temporada do Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência, com oito horas recheadas de atividades para crianças e adultos. O dia D é também um dia para manifestos criativos e um momento para dar largas à imaginação nas inúmeras atividades educativas que vão passar pelo Museu Gulbenkian, CAM, Jardim e algumas salas da Sede.

## Índice

### primeiro plano

- 4 **O Brilho das cidades.**  
**A rota do azulejo**

### notícias

- 12 **Gramática do Português**
- 13 **As três crises da Globalização**
- 13 **Reforma do Estado em debate**
- 14 **Um novo olhar sobre a Arménia**
- 16 **Descobrir nos museus do Algarve**
- 17 **Exposição e conferências em Paris**
- 18 **Simbiose entre Ciência, Música e Arquitetura**
- 18 **Bolsa internacional para investigador do IGC**
- 19 **Programas de Doutoramento celebram 20 anos**

### 20 breves

### bolsheiros gulbenkian

- 22 **André Cepeda**

### em outubro

### conferências

- 25 **Livros e leitura na era digital**
- 26 **O Futuro do Desenvolvimento**
- exposições**
- 27 **Sob o signo de Amadeo – performance e conferências**

### música

- 28 **Elogio da desordem**

### atividades educativas

- 30 **Dia D**
- 32 **novas edições**

- 33 **catálogos de exposições na Biblioteca de Arte**

### Uma obra

- 34 **Retrato de Lucie de Souza-Cardoso**





Azulejo representando busto de jovem, Pérsia, Ispaão, c.1620, período safávida  
© MCG – Fundação Calouste Gulbenkian/foto: Catarina Gomes Ferreira



Azulejo com rosa Arte Nova, Bélgica, 1901-1910 © Direcção Geral do Património cultural / Arquivo de Documentação fotográfica/foto: José Pessoa

## O brilho das cidades.

### A rota do azulejo

25 outubro 2013 - 26 janeiro 2014

**U**ma fascinante viagem pelo mundo do azulejo é a proposta de uma exposição inédita que o Museu Gulbenkian vai apresentar a partir do dia 25 de outubro e que junta quase duas centenas de peças desde a Ásia Central até à Europa Ocidental, oriundas de museus e coleções nacionais e internacionais de referência. É, com efeito, a primeira vez que internacionalmente se põe em diálogo o azulejo, ornamento e proteção da arquitetura, produzido em tão diversas culturas, desde o Antigo Egito até aos nossos dias. **O Brilho das Cidades. A rota do azulejo** constitui uma oportunidade para confirmar o modo original como nos relacionámos com esta arte que nos acompanha desde finais do século XV e que, de tão presente no nosso quotidiano, reconhecemos como parte da nossa identidade.

Ao mesmo tempo permite conhecer o modo como esta técnica se atualizou e adaptou aos novos gostos, e também o modo como outros povos tiraram partido deste objeto para enriquecer os seus espaços.

A referência no título da exposição, à *rota do azulejo*, reenvia para uma das ideias-chave do projeto: a constatação das influências culturais de outros povos, por vezes tão

distantes, e a aceitação de outros gostos transmitidos pelos homens, que durante centenas de anos percorreram longos caminhos para trocar objetos. Enfatiza-se assim o valor cultural unificador do azulejo.

#### O ROTEIRO EXPOSITIVO

Após uma breve apresentação das primeiras cerâmicas vidradas da arquitetura, a exposição responde a um critério estético que aborda aspetos partilhados por variados centros produtivos, com obras de diferentes momentos históricos. As secções em que se agrupam as obras abordam questões como o mito da cerâmica dourada, as conquistas da geometria, a importância da heráldica, o peso da cultura figurativa clássica, o valor da mitologia cristã, a mimese ou a estilização da Natureza, o reflexo dos géneros da grande pintura europeia, a influência dos tecidos, a sedução que o Ocidente sempre sentiu pelo Oriente ou a representação da utopia e do quotidiano.

O objetivo da mostra não é oferecer uma panorâmica histórica no sentido académico, mas evidenciar os atrativos de

um património comum e partilhado, símbolo de uma fértil ponte cultural entre Oriente e Ocidente que tanto fascinou Calouste Gulbenkian.

A exposição compreende cinco núcleos temáticos que juntam obras de variada procedência geográfica e que nos revelam como, apesar das diferenças de natureza social, política, religiosa e cultural, há muitas vezes confluências nas abordagens e nos resultados. São eles:

### 1. NAS ORIGENS

No Egito, na Mesopotâmia, na Assíria e na Pérsia surgiram manifestações da aplicação da cerâmica à arquitetura, que conheceram uma enorme expansão e deram origem a uma história brilhante e duradoura. Como noutros domínios, Bizâncio desempenhou um papel essencial, estabelecendo a ponte entre o Oriente e o Ocidente, entre a Antiguidade e a Idade Média, entre o mundo cristão e o mundo islâmico. A enigmática cerâmica dourada, a prodigiosa complexidade geométrica dos *alicatados* (mosaicos cerâmicos), o aperfeiçoamento técnico do fabrico e o protagonismo que os azulejos assumem em interiores e exteriores arquitetónicos são algumas das grandes contribuições dos países mediterrânicos para o domínio da cerâmica.

### 2. PAREDES QUE FALAM

Ao longo da Idade Média, o islão e o cristianismo encontraram nos textos sagrados não só a base das suas crenças, como também um terreno fecundo para a expressão estética. A caligrafia foi para o mundo islâmico um dos seus géneros artísticos mais importantes. Os textos inscritos nas paredes das arquiteturas religiosas converteram-se num grande livro aberto em que os crentes recordavam as verdades da sua fé. Os espaços públicos, especialmente na Idade Moderna, também se converteram em lugares carregados de mensagens icónicas, avisos e advertências com finalidades diversas. A heráldica, as informações de interesse público, as informações de propriedade dos edifícios, a propaganda política ou os interesses comerciais são alguns dos móveis desta arquitetura escrita e desenhada.

### 3. ORNATO E MENSAGEM

Não só as mensagens alfabéticas ou simbólicas podem ser lidas e interpretadas. Os ornamentos também informam sobre os povos e as suas culturas, formas aparentemente triviais, mas que estão carregadas de valores e crenças menos evidentes. Há intenções deliberadas na própria escolha das fontes de inspiração deste universo decorativo, nas transformações plásticas a que são submetidas as formas da Natureza, na beleza da sua própria geometria subjacente, na repetição infinita dos motivos, nos ornamentos fantasiosos



Atribuído à Oficina de Guido di Savino. Painel de Azulejos, Antuérpia, c. 1539  
© Collection of the Gemeentemuseum Den Haag

que evocam gloriosos tempos passados ou nos adornos exóticos que remetem para remotas e lendárias culturas.

### 4. POÉTICAS NARRATIVAS

É o vínculo entre arte e literatura que, nos países do Mediterrâneo, proporciona as chaves de entendimento das poéticas narrativas, desde o mundo antigo até ao presente. As grandes epopeias do passado definiram os arquétipos dignos de emulação e penetraram no conhecimento profundo da alma humana. Os mitos gregos e romanos, as histórias bíblicas, as vidas e mortes de profetas e mártires, os grandes heróis da literatura universal, os paraísos perdidos e os desejados e também as pequenas histórias quotidianas dos mortais – tudo encontra eco e reflexo nestas grandes e pequenas páginas ilustradas com cores resplandecentes que são os painéis de azulejos.

### 5. PRESENTE E FUTURO

O azulejo não é apenas testemunho do passado. As suas virtudes funcionais, a capacidade de adaptação a novas linguagens, a versatilidade para dar resposta a novas realidades, novas estéticas e novos valores éticos e religiosos favoreceram a sua persistência no mundo moderno. A Revolução Industrial do século XIX possibilitou, com a produção em massa, a sua democratização, mas também uma disseminação não raras vezes desqualificada, tendo gerado reações entre setores mais exigentes da população e entre os artistas criativos. Todos devolveram ao azulejo a sua enorme potencialidade estética sob a forma de obras únicas ou de protótipos multiplicáveis de elevado nível artístico.



Atribuído a Juan Flores, Três Azulejos de rodapé com jogos de crianças, Talavera de la Reina, c. 1564-5165 © Coleção Família Cardoso Pinto/foto: Carlos azevedo

Ficam aqui apresentados os temas desta exposição, sugerida pelo magnífico núcleo de cerâmica Iznik, oriundo da Turquia, que integra a coleção do Museu Gulbenkian e é óbvio exemplo da reinvenção constante do azulejo em mil soluções decorativas. Este núcleo surgirá lado a lado com obras maiores de países como o Irão, Síria, Egito, Tunísia, França, Itália, Espanha, Bélgica, Holanda, Inglaterra, Alemanha e Portugal.

Entre as instituições internacionais que cederam obras para esta mostra destacam-se o Museu do Louvre, o Museu d'Orsay, o Museu de Artes Decorativas; o Museu do Quay Branly e o Centro Pompidou, Paris; o Museu Nacional de Cerâmica, Sèvres; o Museu Nacional da Renascença, Écouen; o Instituto Valencia de Don Juan, Madrid; o Museu de Belas-Artes, Sevilha; o Museu do Design de Barcelona e o Museu Nacional de Cerâmica González Martí, de Valência; os Museus Reais de Arte e de História, Bruxelas; o Museu Municipal da Haia e o Museu Boijmans-van Beuningen, Roterdão.

Para além das peças do Museu Gulbenkian, estão incluídas obras importantes de outros museus portugueses: Museu Nacional de Machado de Castro, Coimbra; Museu Nacional do Azulejo, Museu de Artes Decorativas Portuguesas – Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, Museu Bordalo Pinheiro e Museu da Cidade, Lisboa; Museu de Alberto Sampaio, Guimarães; Museu de Évora; Museu de Lamego; Museu Municipal de Faro; Coleção Berardo, Bacalhoa, Sangalhos e Funchal, bem como de coleções particulares.

A exposição, organizada pelo Museu Calouste Gulbenkian, é comissariada pelo seu diretor, João Castel-Branco Pereira, e por Alfonso Pleguezuelo, professor catedrático da Universidade de Sevilha.

### **TRÊS PERGUNTAS A ALFONSO PLEGUEZUELO COCOMISSÁRIO DA EXPOSIÇÃO**

#### **O QUE SE PODE ESPERAR DE UMA EXPOSIÇÃO COMISSARIADA POR UM MUSEÓLOGO E POR UM ACADÉMICO? DE QUE MODO SE COMPLETAM?**

Creio que se trata de uma associação perfeita, porque tanto o projeto como o desenvolvimento de uma exposição necessitam de conhecimentos nas duas áreas. Se, para além disso, o museólogo tiver um sólido currículo como investigador e divulgador e o académico possuir experiência noutros projetos museográficos, poderia afirmar que o sucesso estaria à partida, e em teoria, garantido. Neste caso particular acresce uma feliz circunstância que nem sempre se produz: académico e museólogo partilham gostos estéticos e mantêm uma frutífera irmandade intelectual de muitos anos. Com tantas circunstâncias favoráveis, parece-me que estamos obrigados a não defraudar as expectativas dos visitantes, que serão quem, finalmente, irá julgar o resultado.

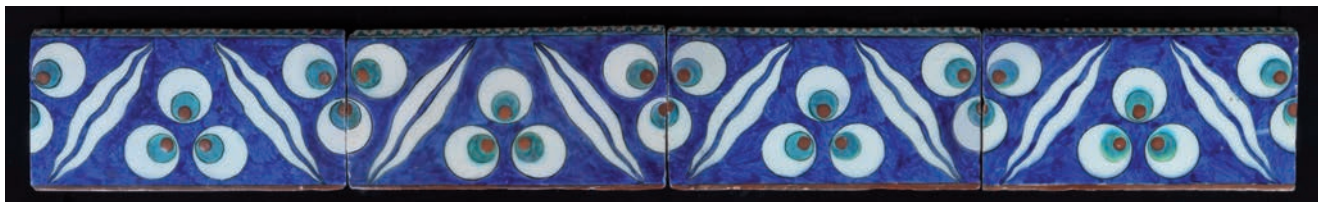
#### **A FRAGILIDADE DAS PEÇAS E A CONSEQUENTE DIFICULDADE DE MONTAGEM TORNA DIFÍCIL UMA ITINERÂNCIA DESTA EXPOSIÇÃO. NO ENTANTO, SE TAL FOSSE POSSÍVEL, EM QUE CIDADES IMAGINARIA VER ESTA EXPOSIÇÃO?**

De facto, o peso e a fragilidade das obras fazem com que a montagem desta exposição seja complexa e pouco convencional, apesar de Portugal ser, sem sombra de dúvida, o país europeu com mais experiência neste campo, graças a uma tradição museográfica especializada em azulejaria. Quanto a uma possível itinerância, apesar de desejável, não foi

equacionada. As peculiaridades do material torná-la-iam difícil, para não falar da conjuntura económica desfavorável. Se tivesse de escolher uma hipotética segunda sede, escolheria uma capital da Europa do Norte, onde o património de azulejaria é menos notável do que na Península Ibérica, e onde existe, por isso, um enorme e interesse e admiração por este tema. Estou a pensar em Amesterdão, Paris ou Berlim. No entanto, se escolhesse com o coração, elegeria Sevilha, claro.

#### PODE ESCOLHER DUAS PEÇAS QUE TENHAM PARA SI UM SIGNIFICADO ESPECIAL?

Esta exposição tem uma grande quantidade de obras belíssimas com significados fascinantes, pelo que um destaque seria difícil, mas escolhendo de uma forma espontânea, apontaria Minerva, a obra portuguesa do século XVIII que abre exposição, pela sua beleza e conteúdo simbólico, e a obra turca do século XX que fecha a última secção, o painel abstrato de Bülent Erkmén que transmite uma serenidade quase sobrenatural. ■



Cercadura de quatro azulejos com motivos çintemani, Iznik, Turquia, c. 1575-1590 © MCG-Fundação Calouste Gulbenkian / Foto: Catarina Gomes Ferreira

## Sete obras escolhidas por João Castel-Branco Pereira, cocomissário da exposição



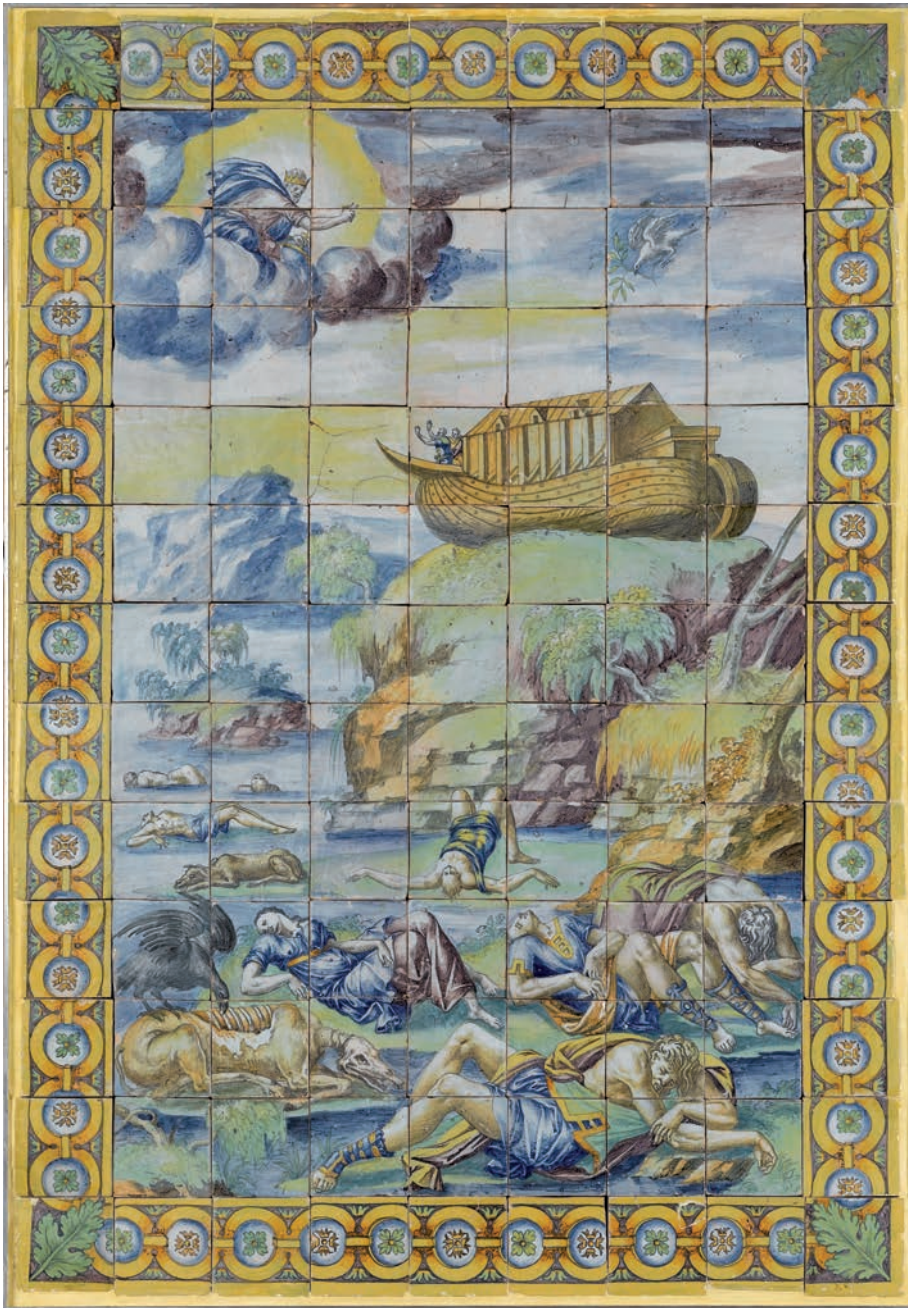
### **MINERVA, SEGUNDO QUARTEL DO SÉCULO XVIII MUSEU NACIONAL DO AZULEJO**

Eis Minerva (Palas Atena na mitologia grega), deusa da guerra, na defesa das boas causas, pelo que é também associada à justiça e à sabedoria. É igualmente protetora das artes, finalidade aliás que orienta a ação dos museus. A deusa lembra na pose as “figuras de convite”, manifestação original do azulejo português, onde personagens em trajos coevos ou de tempos passados, civis ou militares, nos átrios das casas ou no início das escadas, acolhem quem chega. Daí ser a primeira obra da exposição que convida o visitante a entrar.

O painel, de uma tipologia rara, foi adquirido pelo Estado nos anos oitenta por proposta de João Castel-Branco, enquanto diretor do Museu Nacional do Azulejo, motivo acrescido aqui para a eleger.



© Direcção-Geral do Património Cultural/Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ADF), Luísa Oliveira, 2011



© RMN-Grand Palais (musée de la Renaissance, château d'Ecouen)/René-Gabriel Ojéda

▲  
**PAINEL DE AZULEJOS DE UM TRÍPTICO, DA AUTORIA DE MASSÉOT ABASQUENE, REPRESENTANDO O DILÚVIO, SÉC. XVI**  
**MUSEU NACIONAL DA RENASCENÇA, CASTELO DE ÉCOUEN, FRANÇA**

Obra de grande qualidade artística, este painel mostra as vítimas do dilúvio e a Arca de Noé pousada no monte Ararat com a sua família e os seres vivos que Deus lhe ordenou que fossem salvos.



▲  
**AZULEJO EM FORMA DE ESTRELA, COM PERSONAGENS, SÉC. XIII**  
**MUSEU DO LOUVRE**

Outro objeto artístico de origem persa separado do anterior, por cerca de 1.700 anos. Oito personagens são enquadradas por uma moldura onde se inscreve uma legenda, difícil de esclarecer, mas os termos “luz”, “amor”, “largos olhos” ou “tesouros”, podem fazer-nos supor uma cena que alude aos mais belos sentimentos.





►  
**ARQUEIRO, IrãO, c. 510 A.C.**  
**MUSEU DO LOUVRE, DEPARTAMENTO**  
**DAS ANTIGUIDADES ORIENTAIS**

Este Arqueiro é um dos muitos que, em longas filas, se perfilavam nas paredes interiores e exteriores da residência real do complexo arquitetônico de Susa, construído por Dario I, rei da dinastia persa aquemênida. Estamos no início de uma aventura que fala de brilho, de cor, uma história que se fundamenta no desejo de criar para o Homem um envolvimento de bem-estar e de beleza.

© Musée du Louvre, Dist. RMN-Grand Palais/ Raphaël Chipault



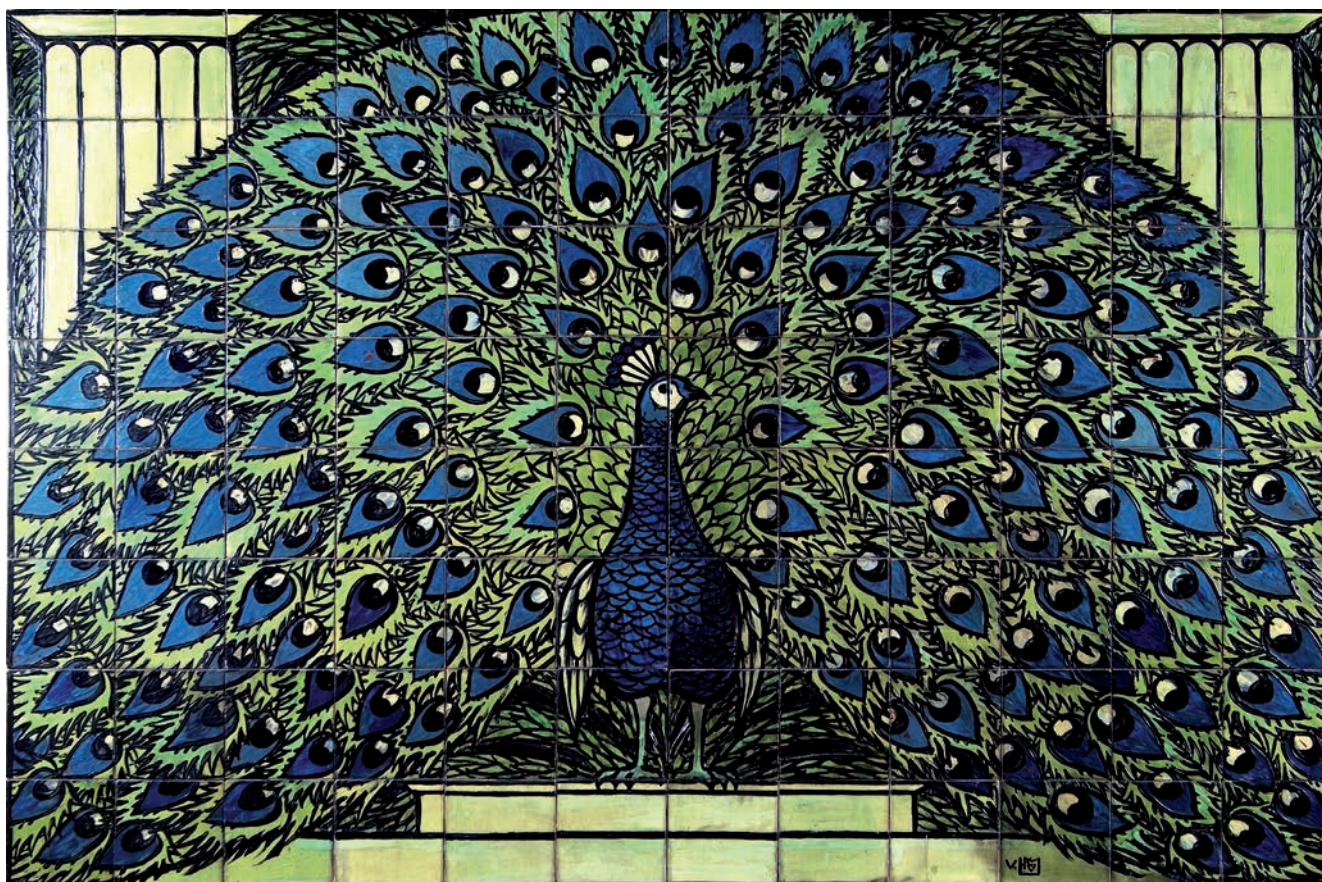
© Museu del Disseny de Barcelona/ Guillém

▲  
**PAINEL DE AZULEJOS “CHOCOLATADA”, BARCELONA,  
SÉC. VIII**  
**MUSEU DO DESIGN DE BARCELONA**

Cena de género onde, num convívio de nobres, se toma chocolate quente e se conversa animadamente, numa apologia dos prazeres da vida. É a primeira vez que este excepcional painel é mostrado fora do museu a que pertence.

▼  
**PAINEL DE AZULEJOS, PAVÃO, DE MAX LAEUGER, 1908**  
**MUSEU DO AZULEJO, OTTERLO**

Quase a finalizar a exposição, o pavão, ave que perde ciclicamente as penas que renascem, é associado à ideia de ressurreição e imortalidade. Percorridos quase 5000 anos da história do azulejo, esta imagem simboliza a crença no futuro desta arte ornamental que nos envolve.



© Nederlands Tegelmuseum, Otterlo



© RMN-Grand Palais (Sèvres, Cité de la céramique) / Martine Beck-Coppola



**AZULEJO TURCO, COM FAISÃO  
POUSADO EM RAMO DE PRUNUS,  
SÉC. XVI**

**CITÉ DE LA CÉRAMIQUE, SÈVRES**

Na imagem, um faisão pousa entre ramos floridos. O ambiente aprazível que reflete é porventura a representação aproximada do que o Homem supõe ser o jardim do Paraíso.

Ciclo de conferências

## O Brilho das Cidades. A rota do azulejo

Fundação Calouste Gulbenkian  
Auditório 3 – 18h

**4 NOVEMBRO**

**PARTICULARIDADES DE UM QUADRADO DE BARRO  
VIDRADO: O AZULEJO FIGURATIVO EM PORTUGAL**

Ana Paula Correia

*ESAD-Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva  
FCSH-Universidade Nova de Lisboa*

**11 NOVEMBRO**

**AZULEJOS ISLÂMICOS**

John Carswell

*SOAS-School of Oriental and African Studies, Londres*

**18 NOVEMBRO**

**A DECORAÇÃO POLICROMA NO PALÁCIO DE DARIO  
EM SUSÁ E A HISTÓRIA DO SEU RESTAURO**

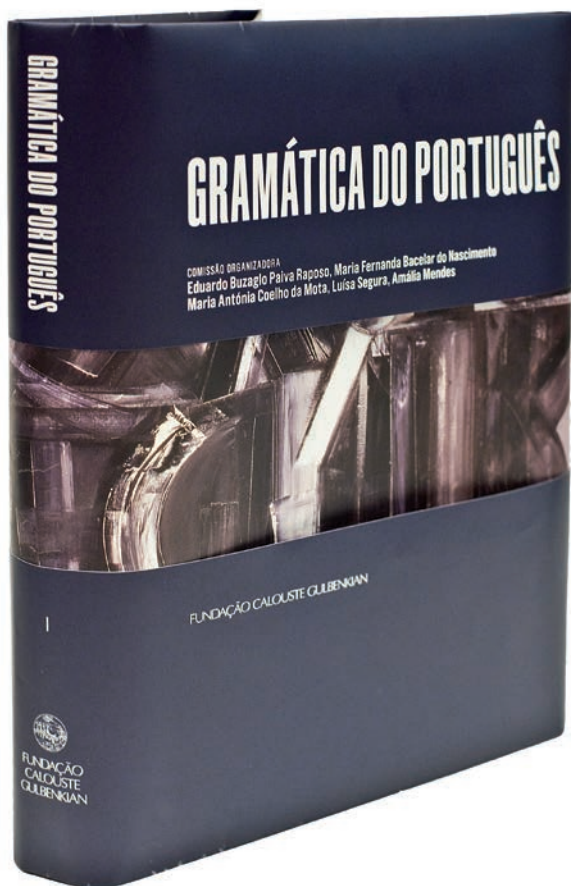
Béatrice André-Salvini

*Departamento de Antiguidades Orientais,  
Museu do Louvre*

**25 NOVEMBRO**

**O REAL ALCÁZAR DE SEVILHA. CASA DE AZULEJOS**

Alfonso Pleguezuelo, *cocomissário da exposição,  
Universidade de Sevilha*



## A Língua Portuguesa ao alcance de todos

**A** Fundação Calouste Gulbenkian apresenta, no **dia 28** durante a Conferência Internacional sobre o Livro e a Leitura Digital (ver p.25), a obra mais aguardada de sempre – a *Gramática do Português*. Destinada a todos os públicos, a Gramática descreve o português europeu culto contemporâneo, sem deixar de incluir informação sobre os chamados regionalismos e o português do Brasil, de Angola e de Moçambique. Pela primeira vez é editada uma obra que se destina a contribuir para a melhoria da língua portuguesa, tentando “colmatar a ausência de uma obra de referência de descrição do português que satisfaça as necessidades de públicos diferenciados, já que as gramáticas existentes ou são excessivamente técnicas ou são demasiado simples e breves, pensadas com o objetivo restrito de acompanharem os currículos escolares”, lê-se na sua contracapa.

Os coordenadores da *Gramática do Português* estão convictos de que ela será “de particular utilidade para estudantes do ensino superior, professores de Português, autores de manuais e gramáticas escolares, jornalistas e tradutores, que nela poderão encontrar uma descrição dos fenómenos

gramaticais e uma explicação clara dos conceitos e termos mais importantes usados na descrição linguística”.

A obra será editada em três volumes, dos quais dois serão já apresentados no dia 28 por dois dos seus coordenadores, Eduardo Paiva Raposo e Maria Fernanda Bacelar do Nascimento. Além dos coordenadores citados, a Gramática contou também com o trabalho de organização de Maria Antónia Coelho da Mota, Luísa Segura e Amália Mendes. Esta comissão organizadora estabeleceu a uniformização conceptual e terminológica e a coerência entre os vários capítulos, para que a colaboração dos seus 40 autores – professores e investigadores de 12 universidades portuguesas e estrangeiras – resultasse numa obra homogénea.

Ao dirigir-se a todos os públicos, a *Gramática do Português* esclarece dúvidas, aprofunda conhecimento e mostra exemplos da riqueza da língua portuguesa. Num total de mais de três mil páginas, a Gramática é uma obra exaustiva sobre a história e geografia da nossa língua, sobre o léxico, a sintaxe e a semântica, mas também sobre a morfologia, fonética e fonologia do Português. ■



© Mona Mélanie Lindseth

## As três crises da Globalização

**T**homas Hylland Eriksen é norueguês, professor e investigador na Universidade de Oslo e um pensador sobre o mundo. As suas reflexões na área da antropologia social têm contribuído para o debate global sobre a identidade em tempo de globalização, imigração e multiculturalismo, temas que tem focado em muito dos seus livros já publicados.

A convite do Programa Cidadania Ativa/EEA Grants, Eriksen virá falar de um dos seus mais recentes trabalhos, focado no estudo, análise e descrição do mundo atual, visto de uma perspetiva antropológica. A conferência está marcada para **dia 14, às 18h30**, no Auditório 3 da Fundação Gulbenkian.

As três maiores crises da globalização – economia, ambiente e cultura – são o ponto de partida para Thomas Eriksen falar das desigualdades e da diversidade com que nos confrontamos enquanto seres humanos no século XXI. Na conferência, o investigador norueguês abordará questões relacionadas com a nossa era “caracterizada por crises ou desafios globais que a humanidade enfrenta como um todo”. Eriksen recorre à metáfora do sobreaquecimento para chamar a atenção para a mudança acelerada e o aumento desenfreado da atividade nos campos da economia e da comunicação.

A conferência tem como moderador Viriato Soromenho-Marques e é de entrada livre. ■

## Reforma do Estado em debate

**M**iguel Pina e Cunha é o conferencista deste mês no ciclo Sextas da Reforma. O docente da Nova School of Business and Economics fará uma conferência com o título *Uma burocracia insuficientemente burocratizada? Uma estranha interpretação sobre a administração da Administração Pública*. Os comentadores convidados para a conferência, marcada para o **dia 25, às 16h** no Auditório 3, são João Figueiredo (Tribunal de Contas), e Beatriz Perez (Microsoft Portugal).

O ciclo, iniciado o mês passado na Fundação Gulbenkian, é uma parceria com o Banco de Portugal e o Conselho das Finanças Públicas, que convida personalidades das áreas económica ou financeira para conferências sobre a reforma, a organização e gestão do setor público. A primeira convidada deste ciclo foi a diretora-geral-adjunta da National Financial Management Authority, a agência

sueca responsável pela informação financeira que pretendem de boa qualidade e para múltiplos fins, e que Kristina Lundqvist refere como “um sistema desenvolvido desde meados dos anos noventa que foi evoluindo gradualmente”. Sublinhando o aperfeiçoamento permanente do sistema, Kristina Lundqvist lembrou que na Suécia decorreram oito anos entre o início e o estabelecer do enquadramento orçamental. “É um processo que leva muito tempo. É preciso uma visão partilhada entre governo, níveis de administração e atores políticos”. Da conferência ficou também um conselho: “para que haja resultados é necessário um compromisso político durável e capacidade institucional para levar avante o processo”.

A entrada para os seminários é livre, mas sujeita a inscrição prévia obrigatória, através do sítio da internet do Banco de Portugal, [www.bportugal.pt](http://www.bportugal.pt). ■



Yerevan © Francesco Maggiotto

## Um novo olhar sobre a Arménia

**C**alouste Sarkis Gulbenkian nasceu no Império Otomano, numa ilustre família arménia com um historial longo de mecenato nas artes e obras de beneficência. Ainda jovem, Calouste tornou-se fluente em francês e inglês, mas a sua língua mãe foi sempre o arménio ocidental, falado na antiga Anatólia antes do genocídio arménio que resultou também na perda de um território e de uma identidade linguística a ele associado. O arménio ocidental passou a ser a língua falada na diáspora e, nos últimos anos, tem vindo a perder a sua importância tornando-se, de acordo com a UNESCO, uma das línguas em risco de extinção no mundo.

A Fundação Gulbenkian, através do Serviço das Comunidades Arménias, tem contribuído para a salvaguarda da língua, apoiando a edição e publicação de obras ao longo dos anos, além das escolas da diáspora. No seu plano de atuação, o departamento dirigido desde fevereiro por Razmik Panossian e tendo como administrador Martin Essayan, pretende apostar ainda mais na proteção do arménio ocidental, criando um movimento intelectual à volta do ensino e da investigação académica sobre a língua. Diz o atual diretor que “a questão deve ser abordada de uma forma abrangente, portanto, o apoio a escolas vai ser apenas um dos elementos”,

trabalhando mais para um objetivo comum do que para pedidos de apoio diversos e dispersos.

Quanto às publicações, continuarão a ser publicadas obras em papel, mas a estratégia passará pelo reforço da presença arménia no mundo digital “aumentando e encorajando todo o tipo de publicações a terem versões online” para uma maior interconexão nas comunidades espalhadas pelo mundo. Esta será também uma forma de divulgar a língua arménia ocidental.

### **A DIÁSPORA ARMÉNIA**

Antes de elaborar o novo plano de atividades da Fundação, no que diz respeito às Comunidades Arménias, Razmik Panossian visitou as várias comunidades espalhadas pelo mundo: Arménia, Líbano, Turquia, França, Reino Unido, Israel, Estados Unidos e Canadá. “Não só queria saber quais eram as suas necessidades, mas também quais eram as expetativas”, diz Razmik Panossian referindo a forma calorosa como foi recebido e os inúmeros agradecimentos aos apoios dados pela Fundação nas últimas décadas. As bolsas de estudo constituíram a grande fatia desse apoio e o novo diretor promete a sua continuação noutros

moldes, “de uma forma mais proativa e mais focada em determinadas questões ou assuntos”. A mudança passa pela “modernização das áreas de estudo”, transformando as atuais bolsas de estudos arménios em apoios à “pesquisa sobre assuntos contemporâneos dos séculos XX e XXI”. Outra parte importante das bolsas é dirigida aos estudantes arménios da diáspora e também aqui haverá mudanças, encorajando “os melhores e os mais brilhantes alunos” a prosseguirem os seus estudos.

### **A SITUAÇÃO NA SÍRIA**

A pensar na numerosa comunidade arménia em Aleppo, na Síria, em que um número significativo de pessoas (cerca de 10 mil) foi obrigado a procurar refúgio noutros países, o Serviço das Comunidades Arménias vai criar uma bolsa especial para estudantes refugiados, para que possam continuar os seus estudos.



Alepo, Síria



Aula de arte com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian



Razmik Panossian © Márcia Lessa

Alepo foi mesmo uma das cidades mais afetadas pela guerra síria. Nela vivia uma comunidade constituída por cerca de 40 mil arménios que falavam a língua da Arménia Ocidental. Razmik Panossian fala da “resiliência impressionante” destas comunidades e do apoio dado pela Fundação à Igreja Arménia e a outras organizações para ajuda humanitária aos refugiados. O Serviço doou até agora cerca de 100 mil dólares para ajuda e continuará a acompanhar a situação.

### **MOSTRAR A ARMÉNIA EM PORTUGAL**

Dentro de um ano, a Fundação dedicará uma semana à cultura arménia com música, exposições e conferências, conjugando o trabalho de várias áreas dentro da Fundação. Mostrar mais sobre o país de origem de Calouste Sarkis Gulbenkian, mas também constituir-se como “um espaço de pensamento e de preparação para o futuro” são objetivos desta programação, que o novo diretor gostaria de ver repetir-se anualmente.

Razmik Panossian fala também da necessidade de olhar para a Arménia e para o momento difícil que atravessa, “apoio organizações da sociedade civil e as gerações mais jovens”. A Fundação pode ter “um papel ativo na ligação entre a Arménia e o resto do mundo, especialmente a nível académico”, prometendo uma intervenção e uma gestão baseada em projetos transformadores da sociedade. ■



Museu de Loulé

## DESCOBRIR nos museus do Algarve

O Programa de Mobilidade de Educadores (uma parceria entre a Direção Regional de Cultura do Algarve, 16 museus algarvios e o Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência – DESCOBRIR) começa este mês e envolve os museus e um conjunto de educadores do DESCOBRIR, com o objetivo de consolidar e disseminar boas práticas de mediação cultural.

O plano de formação está dividido em dois momentos: o primeiro traduz-se na visita dos profissionais dos museus às atividades educativas da Fundação, e o segundo na deslocação dos formadores às instituições parceiras para acompanhamento e concretização de projetos. O Programa de Mobilidade quer que estes profissionais tenham acesso a ações de formação de qualidade, adaptadas às suas necessidades específicas, através da observação de atividades na Fundação Calouste Gulbenkian desenvolvidas por mediadores com vasta experiência educativa. Os educadores

do DESCOBRIR, por outro lado, receberão contributos externos, permitindo-lhes um olhar renovado que possa melhorar as suas propostas educativas, confrontando-as com as de outros museus, ampliando também as suas estratégias. Para além dos educadores do DESCOBRIR, estão envolvidos profissionais das seguintes entidades: Centro de Interpretação de Vila do Bispo, Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela, Centro Explicativo e de Acolhimento da Calçadinha de São Brás de Alportel, Ermida de Nossa Senhora de Guadalupe, Município de Castro Marim, Museu de Albufeira, Museu de Faro, Museu de Lagos, Museu de Loulé, Museu de Olhão, Museu de Portimão, Museu de Silves, Museu de Tavira, Museu do Mar e Terra da Carrapateira, Museu do Trajo de São Brás de Alportel e o Serviço de Património Histórico e Cultural, Arqueologia e Museologia da Câmara Municipal de Alcoutim. ■





## Exposição e conferências em Paris

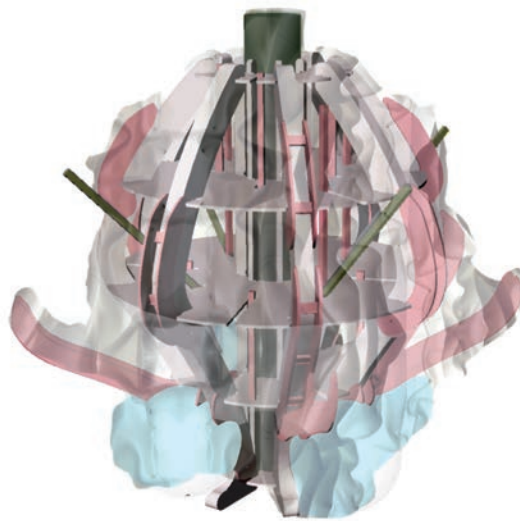
Foi uma das escolhas do jornal *Le Monde* para a “rentrée cultural 2013-2014” e pode ser visitada até 14 de dezembro na Delegação em França da Fundação Gulbenkian. A exposição de fotografia **Present Tense** mostra o sul do continente africano, pelo olhar de vários fotógrafos do pós-apartheid. Produzida em parceria com o Programa Gulbenkian Próximo Futuro, a exposição teve a sua primeira montagem em Lisboa, este verão.

Também em Paris, prossegue este mês o ciclo de conferências e debates *Tout se transforme...*, concebido para a discussão dos grandes temas contemporâneos. Entre os próximos convidados estão Eduardo Lourenço e Marcel Gauchet, que, no dia 2, falam do lugar da religião nas sociedades secularizadas. No dia 8, Catherine Larrère, especialista em filosofia moral e política, fala sobre técnica e Natureza. No dia 9 é a vez de Álvaro Siza Vieira falar sobre a sua obra e, em particular, sobre o museu de arte contemporânea de Serralves, no Porto. A 16 de outubro, Henri-Claude Bettignies, da Universidade de Stanford,

fala da China e da sua dinâmica atual. A fechar este mês, no dia 24, Hervé Le Bras, especialista em história social e demográfica, dedica uma conferência aos desafios demográficos da mundialização.

Em outubro são ainda lançados em Paris os primeiros três volumes da coleção *Tout se transforme*, que reúne as intervenções realizadas desde o ano passado no âmbito deste ciclo de conferências. Pela Delegação em França têm passado várias figuras de relevo em domínios que vão da literatura e das artes às ciências sociais e humanas, e cujas intervenções resultam muitas vezes de parcerias com entidades prestigiadas na cena e na cultura francesas. O primeiro destes títulos agora publicados é *Égoïsme et individualité*, tema da conferência proferida por Dominique Lecourt, que abriu este ciclo em outubro de 2012. Ficarão também já disponíveis os volumes *Science, technologie et société. La politique des savoirs aujourd'hui*, de Dominique Pestre, e ainda *Tout se transforme. Vraiment tout?*, de Immanuel Wallerstein. ■

# Simbiose entre Ciência, Música e Arquitetura



**M**orfogénesse Musical é uma instalação que traduz em som e movimento a dinâmica do processo de desenvolvimento de uma flor, e que vai estar visível no dia 5 de outubro na programação do dia D (ver p.30). O desenvolvimento de um organismo é controlado por vários genes que, embora tenham uma ação individual, acabam por funcionar em rede controlando os padrões que levam à sua formação. A instalação convida o público a entrar no complexo mundo de redes genéticas e a interagir com uma rede de genes, descobrindo como o destino final de uma flor pode ser afetado. Cada interação com os genes dessa rede resulta em música. A cadência musical é modificada quando o público ativa um gene que produz um grande efeito na dinâmica de toda a rede e, conseqüentemente, na estrutura arquitetónica da flor. Mas o público irá descobrir que esse mesmo gene, ao fim de algum tempo, deixa de conseguir controlar a rede genética, e terá de encontrar quais os genes que passaram a ser essenciais. Este projeto de arte e ciência reúne uma ambiciosa equipa multidisciplinar. Os cientistas Luís Rocha e Manuel Marques-

-Pita, do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), o músico Simão Costa, do LabMóvel da Fundação Gulbenkian, as arquitetas Alexandra Paio e Maria João de Oliveira e o engenheiro Sancho Oliveira, do Vitruvius FabLab – ISCTE-IUL, juntaram esforços para traduzir artisticamente a complexidade biológica dos sistemas de rede. Segundo Manuel Marques-Pita: “Realizar este projeto foi um desafio, porque juntou pessoas de áreas muito diferentes. Tivemos todos de aprender um pouco sobre o trabalho das outras pessoas da equipa, para poder planear e construir esta instalação. Esperamos que o resultado agrade ao público e que este, mesmo sem se aperceber, saia com algumas noções de biologia.”

A instalação *Morfogénesse Musical* é uma coprodução do IGC, Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência e Vitruvius FabLab – ISCTE-IUL, contando com o apoio da empresa Valchromat – Investwood e das câmaras municipais de Oeiras, Vila Flor, Torre de Moncorvo, Carraceda de Ansiães e Mogadouro. ■

## Bolsa internacional para investigador do IGC

**A** Human Frontier Science Program Organization atribuiu uma bolsa de pós-doutoramento a Daisuke Ito, investigador japonês do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), na área da Regulação do Ciclo Celular (grupo liderado por Mónica Bettencourt-Dias). As bolsas, com a duração de três anos, são atribuídas anualmente em concursos internacionais bastante competitivos. Este ano foram selecionados apenas 70 candidatos num universo de mais de 750 candidaturas.

Para Daisuke Ito, a atribuição desta bolsa representa “uma honra por ser bastante reconhecida no meio científico e atribuída a tão poucos cientistas”.

Além de contribuir para o desenvolvimento do seu projeto de investigação, durante os próximos três anos, a bolsa pode ser uma porta de entrada para outros financiamentos da Human Frontier. ■



Anterior encontro realizado na Curia

## Programas de Doutoramento celebram 20 anos

**E**m setembro de 1993, o Instituto Gulbenkian de Ciência lançava o primeiro programa doutoral em Portugal – o Programa Gulbenkian de Doutoramento em Biologia e Medicina. Desde então, foram criados outros programas de doutoramento que contribuíram para a formação de mais de 500 jovens em ciências da vida.

Nos dias 5 e 6 de outubro, antigos alunos dos programas Gulbenkian de doutoramento reúnem-se na Curia, juntamente com antigos e atuais diretores dos Programas, para assinalar a data com palestras científicas e um debate sobre o futuro dos programas de doutoramento.

Há vinte anos, o Programa mudou o panorama científico em Portugal pela forma inovadora como introduziu uma nova estrutura de ensino pós-graduado. Um grupo restrito de alunos era selecionado não apenas pelo seu mérito académico, mas também pela sua personalidade, apetência e motivação para fazer investigação. Este programa de

doutoramento proporcionava aos alunos um ano de cursos avançados intensivos, em várias áreas emergentes das ciências biomédicas, lecionados por alguns dos melhores investigadores mundiais das diversas áreas. Após este ano curricular, os alunos tinham uma bolsa de doutoramento que lhes possibilitava realizar o seu trabalho de doutoramento em qualquer laboratório do mundo.

O antigo diretor do IGC, António Coutinho, foi o mentor do Programa, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, das secretarias de Estado da Ciência e Tecnologia e do Ensino Superior, e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. As repercussões deste e dos programas que se lhe seguiram são ainda hoje visíveis no panorama científico, com os Gulbenkian *alumni* a ocuparem lugares à frente de laboratórios em Portugal e no estrangeiro e a realizarem investigação internacionalmente reconhecida. ■



## A arte faz a diferença

**A**té 25 de outubro, estão abertas as candidaturas ao concurso Partis – Práticas Artísticas para Inclusão Social, que pretende apoiar projetos que utilizem as artes visuais, performativas ou audiovisuais como forma de promover a integração social de pessoas em situação de maior vulnerabilidade. Por ano, os projetos mais inovadores, consistentes e que consigam criar uma rede de parcerias, avaliação e replicação, poderão receber até 25 mil euros.

O Partis contempla propostas de áreas diversificadas – circo, *graffiti*, performance, pintura, escultura, instalação, vídeo, fotografia, entre outras –, que contribuam para a aproximação entre cidadãos de diferentes grupos sociais, etários ou culturais e para a igualdade de oportunidades entre os mesmos. Podem concorrer ao Partis instituições culturais ou sociais sem fins lucrativos.

O regulamento e o formulário de candidatura podem ser consultados em [www.gulbenkian.pt](http://www.gulbenkian.pt). ■

## Inovação na Saúde Mental

**A**Fundação Calouste Gulbenkian recebe o International Forum on Innovation in Mental Health nos dias 3 e 4 deste mês, para um debate aprofundado sobre a importância da Saúde Mental nos dias de hoje. As três grandes conferências serão proferidas por Vikram Patel, Sashi Sashishran e Sir Michael Marmot, alguns dos prestigiados especialistas e técnicos de todo o mundo que estão presentes no Fórum.

Os temas principais para estes dois dias centram-se nas ligações entre os distúrbios mentais e outras doenças crónicas, os determinantes sociais da saúde mental e as inovações nos cuidados de saúde mental.

O International Forum on Innovation in Mental Health é uma iniciativa da Plataforma Gulbenkian para a Saúde Mental Global e da Organização Mundial de Saúde. ■



## Pedro Ribeiro encena o Gato das Botas em Londres

**A** 17 e 18 de outubro, a Royal Opera House apresenta uma nova produção de *O Gato das Botas*, com encenação do português Pedro Ribeiro, antigo aluno do curso de Encenação de ópera do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística. Pedro Ribeiro foi selecionado em 2011, entre centenas de jovens, para participar no Jette Parker Young Artists Programme, promovido pela Royal Opera.

Esta encenação de *O Gato das Botas* será a estreia no Reino Unido da ópera de Montsalvatge (1912-2002), inserindo-se na programação *Meet the Young Artists Week*. É também o primeiro trabalho de Pedro Ribeiro na Royal Opera desde que terminou a sua participação no Jette Parker, em julho deste ano. O espetáculo, que conta com intérpretes de várias nacionalidades, incluindo o tenor português Luís Gomes, tem ainda a participação especial de nove marionetas concebidas e manipuladas pelos portugueses Rui Rodrigues e Sara Henriques (Red Cloud Puppet Theatre). ■



## Repensar as Cidades

**O**rganizações públicas, privadas e sem fins lucrativos de todo o mundo (entre as quais a delegação da Fundação em Londres) participaram na SIX (Social Innovation Exchange) Summer School 2013, que se realizou em setembro em Seul. Repensar as cidades, tentando responder ao desafio de garantia da sustentabilidade social das grandes metrópoles em permanente crescimento, foi o tema que mobilizou os participantes durante quatro dias. Trocar experiências de inovação social nas cidades, mostrando experiências replicáveis e aplicáveis em diversas situações, foi um dos contributos desta Summer School. O UK Branch apoia a rede SIX através do programa Maximising Social and Cultural Value. ■

## Nutrition Awards no Dia Mundial da Alimentação

**A** Fundação Gulbenkian assinala o Dia Mundial da Alimentação, que se comemora a 16 de outubro, com a entrega dos prémios Nutrition Awards de 2013. Na sua quarta edição, os Nutrition Awards vão premiar boas práticas, projetos, produtos e serviços inovadores no setor agroalimentar. O evento terá início às 9h, seguindo-se um dia preenchido com atividades e conferências que contarão com a presença do secretário de Estado da Alimentação e da Investigação Agroalimentar, o presidente da Associação Portuguesa de Empresas de Distribuição, o presidente da Federação das Indústrias Portuguesas Agroalimentares e o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian. A partir das 15h30 terá lugar a cerimónia de entrega de prémios. Tal como nas edições anteriores, serão premiados projetos nas categorias Produto inovação, Serviço inovação, Iniciativa de mobilização, Investigação e desenvolvimento e Prémio especial jornalismo. ■

## Doenças tropicais negligenciadas nos PALOP

**A** Fundação Calouste Gulbenkian, enquanto membro ativo da organização independente e sem fins lucrativos International Society for Neglected Tropical Diseases (ISNTD), organiza um encontro, no dia 31 deste mês, dedicado às doenças tropicais negligenciadas nos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP). Fortalecer e desenvolver a cooperação na prevenção e tratamento destas doenças entre os PALOP e a comunidade internacional de cientistas, organizações internacionais, ONG, doadores e organizações filantrópicas e privadas envolvidas, é o objetivo principal do encontro. Na presença de instituições de investigação destes países, das principais organizações internacionais e dos agentes responsáveis pelo desenvolvimento de políticas locais e internacionais de saúde, o debate realizar-se-á em quatro sessões ao longo do dia, com os temas: Dinâmica epidemiológica das doenças em países lusófonos; Soluções para a prevenção e tratamento; Centros de investigação em saúde em África; e Perspetivas sobre a cooperação internacional. As Doenças Tropicais Negligenciadas reúnem 17 doenças tropicais endémicas, geralmente associadas às populações pobres de África, Ásia e América Latina, afetando todos os PALOP. Apesar das medidas preventivas e da terapêutica para algumas dessas doenças serem conhecidas, o seu tratamento ainda não é uma realidade para todos. ■



*André Cepeda\* | 36 anos | Artes Visuais (Fotografia)*

## “Andar é um ato de liberdade”

### **COMO SURTIU O INTERESSE PELA FOTOGRAFIA?**

Quando iniciei a minha carreira em 1999 tomei uma decisão muito séria. Depois de ter estado envolvido na fotografia desde miúdo, devido à minha relação com os Encontros de Fotografia de Coimbra, dediquei-me desde muito novo a fotografar e a tentar criar o meu olhar dentro das influências que ia tendo e descobrindo. Mas ainda hoje a minha relação com a fotografia é a mesma.

Existe uma necessidade muito grande de explorar aquilo que tenho para dizer, de tentar experimentar o máximo possível de coisas, explorar o próprio processo fotográfico, a sua linguagem.

### **CONTE-NOS UM POUCO SOBRE O SEU PERCURSO ATÉ ESTA RESIDÊNCIA.**

Muito do meu trabalho é um exercício de como olhar, seja para um objeto ou um corpo, seja para arquitetura ou paisagem. Qual é o enquadramento que vou fazer, qual a minha relação e como me vou relacionar com o que estou

a ver, qual é a distância certa para fotografar, como é que tudo isto se relaciona com o que estou a fazer? São as próprias imagens que me conduzem. As imagens que vou fazendo que me levam a refletir no que poderei fazer a seguir, quase como se estivesse a construir uma narrativa cinematográfica, mas de uma forma mais abstrata, em que a história não interessa, mas sim a minha experiência e aquilo com que me quero confrontar.

Deixo-me guiar por um instinto, por algo que não sei explicar, que é muito sensível, ténue, com fronteiras muito próprias. Existe um momento em que as coisas se clarificam, que ganham forma por si próprias e razão de existir, tornam-se um corpo de imagens que serão posteriormente editadas, selecionadas e mostradas. Acho que quanto menos controlar aquilo que faço, quanto menos explicações e argumentos arranjar, mais prazer me dá trabalhar, mais aprendo com aquilo que faço e mais me surpreendo. Para mim, o importante é o improvisado e a liberdade de não estar preso a nada, de poder reagir no momento, de estar atento ao meu instinto.



Fotografia de  
André Cepeda  
Sem título  
São Paulo, 2012

#### **COMO FOI A SUA EXPERIÊNCIA NA RESIDÊNCIA ARTÍSTICA EM SÃO PAULO?**

Em São Paulo repartia o dia entre fazer contactos com pessoas que me interessava conhecer, ver exposições, andar pela cidade para a conhecer melhor, ou a fotografar. Achei que seria importante fazer um projeto durante o tempo em que lá estava. Era importante fazer contactos, mas era também essencial explorar e materializar tudo o que estava a sentir. Fiquei fascinado pela cor e luz, que desconhecia, temperaturas de cor e formas que nunca tinha visto e que me fascinavam. No início foi difícil começar a fotografar, até porque tinha acabado de fazer um livro, o “Rien”. Queria mudar radicalmente de registo e experimentar coisas novas, mesmo que nunca as viesse a usar. Decidi que o que queria fazer passava muito por andar na rua, por me confrontar com o que ia encontrando e descobrindo. Andar pela rua sem direção, sem saber se ia para a esquerda ou direita. Andar é um ato de liberdade, e para mim a maior liberdade era não saber o que estava a fazer. Andar faz-nos ver e estar atentos e despertos, à procura de novas coisas, novas sensações – descobrir –, era isso que queria com São Paulo. Que a própria cidade me fizesse descobrir um novo olhar.

#### **COMO FOI VIVER NESSA CIDADE?**

Respondo recorrendo ao texto “São Paulo, em corte” escrito por Agnaldo Farias sobre o meu trabalho, editado na revista Zum do Instituto Moreira Sales, em Abril de 2013:

“Foram três meses perambulando pela cidade, com tripé e câmara nas costas, exausto do peso de ver, no labirinto dos labirintos: São Paulo, que ninguém ousa dizer que conhece, uma abstração até para quem nela nasceu e vive (...)” São Paulo é um compósito de matérias, tempos e espaços. Não prevalece plano, lógica ou ordem arquitetônica, nada a não ser a sobreposição de sobras, cada uma compondo o ruído branco da confusão, o som ininterrupto da máquina de construir e destruir, pródiga em negociações mal-ajambradas, como na imagem de uma empena cega e suja, a traseira abrutalhada de uma edificação qualquer, em que vêm se grudar, por intermédio da geometria mambembe do piche isolante, três construções capengas. A imagem não se reduz à matéria sórdida da metrópole, é notável o apuro cromático, a delicadeza da composição, as gradações do azul-acinzentado das paredes, das telhas de amianto e das calhas de alumínio, um fluxo sóbrio interrompido por filamentos vermelhos sutis, cor que aparece com ênfase na parede de tijolos cerâmicos.” ■

*\*Residência Artística – Bolsa FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado) – São Paulo*



**em outubro**



# Livros e leitura na era digital

*Debater o papel do livro e da leitura na era da internet é um dos objetivos da Conferência Internacional que se realiza no dia 28, organizada pelo Programa Gulbenkian Qualificação das Novas Gerações. Em simultâneo, a Fundação assinala os 51 anos da existência do seu Plano de Edições, criado para editar obras pouco atrativas comercialmente, mas essenciais para o mundo académico e para a formação das pessoas.*

O filósofo e sociólogo alemão **Jürgen Habermas** é o convidado para a palestra de abertura da Conferência. Considerado pela Enciclopédia de Filosofia Stanford como um dos mais influentes filósofos do mundo, que consegue “fazer a ponte entre a melhor tradição do pensamento ocidental e anglo-americano”, Habermas falará em Lisboa sobre a Democracia na Europa, tema a que se tem dedicado nos últimos anos. O seu trabalho abrange uma extensa panóplia de áreas como a estética, a epistemologia e a linguagem, mas também a filosofia da religião, e as suas ideias são claramente reconhecidas como de significativa influência nos campos da sociologia e dos estudos de comunicação, na retórica ou na teologia. A Fundação editou já este ano a versão portuguesa da sua famosa obra “A transformação estrutural da esfera pública”.

A Conferência *Os livros e a leitura – desafios da era digital* terá uma sessão de abertura, às 9h30, com as intervenções do presidente da Fundação e dos administradores Eduardo Marçal Grilo e José Gomes Canotilho, que antecedem a palestra de Habermas. A manhã será ainda o momento para assinalar os 51 anos do Plano de Edições com o lançamento da *Gramática do Português*, uma obra de referência cuja preparação foi iniciada há 13 anos, e que agora é publicada (ver p.12).

## ESTUDOS SOBRE A LEITURA DIGITAL

A Fundação Gulbenkian financiou um estudo internacional sobre o impacto futuro da leitura de livros e documentos

em formato digital, juntando especialistas nacionais e estrangeiros. As principais conclusões do estudo vão ser apresentadas neste dia, a partir das 14h30, pelo seu coordenador, Gustavo Cardoso, investigador do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia. Tal como refere o comissário da Conferência, Manuel Carmelo Rosa, o estudo “aprofunda o funcionamento do mercado e das práticas de leitura digital em Portugal e num conjunto alargado de países”, com Reino Unido e Espanha a terem lugar de destaque. Antes do encerramento, a Conferência terá ainda um outro convidado de peso, o sociólogo britânico e professor na prestigiada universidade de Cambridge, John B. Thompson, autor de *Books in the digital age* e outras obras. Qual é o papel do livro numa era dominada pelos computadores e pela internet? Como vai ser o futuro do livro, de um ponto de vista económico e tecnológico? Perguntas a que John B. Thompson responde no livro e de que falará no Auditório 2 da Fundação.

A sessão de encerramento contará com as intervenções de Eduardo Marçal Grilo, Manuel Carmelo Rosa e Henrique Monteiro (diretor editorial para as Novas Plataformas do grupo Impresa Publishing). ■

## OS LIVROS E A LEITURA – DESAFIOS DA ERA DIGITAL 28 de outubro, 9h30 – 19 h, auditório 2

Entrada livre, tradução simultânea  
Programa em [www.gulbenkian.pt](http://www.gulbenkian.pt)



## O futuro do desenvolvimento

**N**o próximo dia 17, a Conferência Internacional *O Futuro da Agenda Global de Desenvolvimento: visões para a CPLP* quer contribuir para a reflexão sobre os grandes temas globais do desenvolvimento, centrando-se nas perspetivas da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, tendo em conta os debates internacionais sobre a revisão dos Objetivos de Desenvolvimento do Milénio e sobre o futuro do desenvolvimento global após 2015.

A sessão de abertura, pelas 9h30, no Auditório 2 da Fundação, terá as intervenções do presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, de Murade Murargy, secretário executivo da CPLP e de Otaviano Canuto do Banco Mundial. Propõem-se três eixos de reflexão que dão o nome às três sessões que preencherão o dia: Desenvolvimento económico inclusivo; Paz, segurança e fragilidade; e Financiamento do desenvolvimento.

Relativamente ao primeiro eixo de reflexão, Carlos Castel Branco, Manuel Alves da Rocha e Pedro Conceição abordarão o tema tendo em conta questões como a consistência entre políticas de crescimento, sustentabilidade ambiental, combate à pobreza e à desigualdade; ou ainda como conciliar a necessidade de resultados rápidos, visíveis e em larga

escala, com processos de transformação que são lentos e profundos?

A segunda reflexão do dia incidirá sobre Paz, Segurança, Fragilidade e Desenvolvimento, com as participações da ministra das Finanças de Timor-Leste, Emilia Pires, de Domingos Simões Pereira e de José Manuel Pureza.

Para finalizar, será discutido o Financiamento do Desenvolvimento, nomeadamente os recursos internos, mecanismos inovadores e coerência das políticas, com a presença da antiga primeira-ministra de Moçambique, Luísa Diogo, da ministra das Finanças de Cabo Verde, Cristina Duarte, e do primeiro-secretário executivo da CPLP e deputado são-tomense, Rafael Branco.

Na sessão de encerramento, às 18h, contam-se as intervenções de Ricardo Soares Oliveira, da Universidade de Oxford, e de Isabel Mota, administradora da Fundação Gulbenkian. ■

### **O FUTURO DA AGENDA GLOBAL DE DESENVOLVIMENTO: VISÕES PARA A CPLP**

**17 de outubro, 9h30 – 18h30, auditório 2**

Entrada livre, tradução simultânea

Programa em [www.gulbenkian.pt](http://www.gulbenkian.pt)

# Sob o Signo de Amadeo

## Performance e conferências

**E**ste mês tem início o **ciclo de performances** integrado na exposição comemorativa dos 30 anos do CAM – *Sob o Signo de Amadeo. Um século de Arte* –, que transformará o espaço do Centro num palco improvisado onde se vão suceder várias atuações até ao final de novembro. Esta é uma das ações programadas em torno desta mostra, que dá a ver o melhor da coleção do CAM, tendo como eixo central as obras de Amadeo de Souza-Cardoso.

Sete artistas nacionais contemporâneos, que desenvolvem trabalho no campo performativo, foram convidados a intervir no museu, criando um espaço de relação e resposta das gerações mais novas de artistas (mas também de públicos) ao legado material e histórico do CAM.

As sessões realizam-se semanalmente, de acordo com o seguinte calendário: **Alberto Pimenta** (17 de outubro), **Pedro Tudela** (24 de outubro), **Ramiro Guerreiro** (31 de outubro), **Joana Bastos** (7 de novembro), **Musa Paradisiaca – Eduardo Guerra e Miguel Ferrão** (14 de novembro), **Martinha Maia** (21 de novembro) e **Isabel Carvalho** (28 de novembro).

Alberto Pimenta, um dos autores seminais da história da performance e do *happening* em Portugal, que faz da linguagem e da palavra elementos centrais das suas ações, abre o ciclo com **tudo nada**, uma reflexão/intervenção sobre o estado do país no princípio do século XXI. Sobre esta performance escreve Alberto Pimenta:

“*tudo nada* podia chamar-se *nada tudo*, não alterava nada. por aí já se vê que o autor se modernizou. é uma performance (o autor dantes chamava-lhe *ato poético*) onde até há palavras escritas, já se vê. também há das outras, que vão e vêm como o ambiente onde decorre o próprio ato. mas não são palavras com exclusividade e respetiva per-

tença privada, antes se dão como públicas, como água do rio (!) ou os trilhos do comboio (!). Já se vê.”

As sessões têm lugar sempre à quinta-feira, às 13h e às 17h. No âmbito desta programação, é também apresentada a peça **Airotiv**, de **André Guedes**, no Hall do CAM, uma instalação de 2009, originalmente concebida para uma exposição individual no Centro Cultural Montehermoso em Vitoria (Espanha) e que resultou numa residência de investigação que o artista realizou na região de Canterbury, na Nova Zelândia. A instalação apresentada no contexto desta exposição constitui uma versão reduzida do dispositivo original. As sessões realizam-se nos últimos sábados de cada mês, às 17h (26/10; 30/11; 18/01/2014).

### CICLO DE CONFERÊNCIAS

Em novembro, decorrerá um ciclo de conferências sobre o modernismo e a obra de Amadeo. O título geral do Ciclo de Conferências retoma o da própria exposição – **Sob o Signo de Amadeo** –, criando uma oportunidade para colocar várias questões relacionadas com o impacto da Primeira Guerra Mundial na arte, o lugar da representação no modernismo, os usos da fotografia, a relação com a poesia, a literatura e a filosofia. Este ciclo de conferências resulta de uma coorganização que envolve o Instituto de História da Arte, o Centro de Estudos de Comunicação e Linguagem da Universidade Nova de Lisboa e o Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian.

As conferências realizam-se na Galeria 1, junto às obras de Amadeo de Souza-Cardoso. ■

Mais informações em: [www.cam.gulbenkian.pt](http://www.cam.gulbenkian.pt)



## Elogio da desordem

© Mária Lessa

**A** pianista Joana Sá apresenta, dia 4 de outubro às 22h, o seu mais recente disco *Elogio da Desordem*, um monólogo interior para piano semipreparado, acompanhado por instalação de campainhas e sirenes, *toy piano*, caixas de ruído, mini amplificadores, voz e eletrônica. “É uma peça praticamente instrumental na qual uso a voz pontualmente”, conta a compositora: “É como se fosse uma visão das coisas de baixo para cima. Habitualmente, no dia a dia, temos uma perspetiva a partir da palavra. A palavra rege-nos e depois olhamos para outra camada e vamos percebendo as camadas inferiores que se seguem.” Aqui, a palavra tem um papel relevante, embora minimal, mas só depois da música: “É quase como se fosse a espuma que sobra do resto.” Uma das características de Joana Sá é que o seu trabalho se estende para além dos limites normais do piano. Joana explora o instrumento até ao limite e cria sistemas de desordem aos quais tenta reagir, procurando dar resposta a tudo de uma só vez, ou focando-se apenas num aspeto, quando várias coisas vão acontecendo à volta dela. “Eu queria que a nossa desordem de pensamento estivesse presente neste trabalho. Aquela desordem com a qual tentamos encaixotar tudo em várias gavetas, mas que é essencial na definição de quem somos e de onde, de vez em

quando, irrompe a palavra, mesmo que seja de forma pouco explícita.” Esta desordem no pensamento acaba também por refletir, de certa forma, o seu processo criativo. “É um bocado a forma como funciono na música. Primeiro, o pensamento é muito fragmentado, pelo menos na minha intuição, e depois vou reagindo, trabalhando.”

Para este projeto, Joana Sá aliou-se a Daniel Costa Neves e a Pedro Diniz Reis, para o vídeo, e a Gonçalo M. Tavares, para o texto. A ideia era que fosse escrito a partir da música, mas entre a falta de tempo e a sempre presente desordem do processo criativo, surgiu outra hipótese. “O Gonçalo mostrou-me o livro *Animalescos*, que estava quase a sair, e quando li aquilo percebi logo que era o tipo de escrita que queria para a minha peça. Sente-se que é espontâneo, escrito de um gesto só, parece um incêndio. Era isso que eu queria e disse-lhe que não precisava de escrever mais nada. Foi lá que fomos buscar grande parte do texto para o *Elogio da Desordem*.”

Este é apenas o mais recente passo numa carreira promissora que vai partilhando com Luís Martins e Eduardo Raon, com quem divide os créditos de produtora neste último disco. Juntos formam o Powertrio, grupo que considera fundamental no seu desenvolvimento enquanto composi-



tora: “Criámos a nossa linguagem. Acho que sem Powertrio nada disto existiria.” Mesmo quando enveredam por caminhos diferentes, acabam sempre por estar ligados: “Na verdade, todos os nossos projetos têm um pouco de Powertrio. O Eduardo fez as misturas de todos os meus discos e partilhamos o mesmo pensamento no que diz respeito à gravação.” Luís Martins, mais conhecido pelo seu trabalho nos Deolinda, é o outro grande aliado de Joana Sá: “Para além de sermos casados, estamos sempre a partilhar ideias e ajudamo-nos mutuamente nisto ou naquilo.” A prova física dessa cooperação é *Almost a Song*, disco gravado em duo e editado em 2012.

*Elogio da Desordem*, o segundo registo em nome próprio de Joana Sá, depois de *Through This Looking Glass* – CD/DVD que mistura filme e música –, é lançado pela Shhpuma, editora filha da Clean Feed Records, e é uma demonstração de exploração musical ao serviço da reflexão – música para ver, ouvir e pensar, nas palavras da própria Joana Sá. A apresentação está marcada para o Teatro Maria Matos, no âmbito do ciclo Teatro/Música da Gulbenkian Música. ■

#### Outros concertos este mês:

**3 E 4 | 21H | MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS**

**Joseph Haydn – *A Criação***

Coro e Orquestra Gulbenkian

Paul McCreesh *Maestro*

**12 | 18H | GRANDE AUDITÓRIO DA CULTURGEST**

**Georg Friedrich Handel – Música para os reais fogos de artifício**

**António Pinho Vargas – *Magnificat*** (estreia mundial)

Coro Gulbenkian e Orquestra

Metropolitana de Lisboa

**31 | 21H | IGREJA DE SÃO ROQUE**

**Johann Sebastian Bach – Abertura da Suite**

**Orquestral n.º3, BWV 1068; *Lobet den Herrn alle***

***Heiden*, BWV 230; Cantata BWV 127; Cantata BWV 140**

Coro e Orquestra Gulbenkian

Ton Koopman *Maestro*



## A nova temporada Descobrir começa no dia D

**D**ia 5 de outubro é o dia D, para descobrir a nova temporada do Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência, com oito horas cheias de atividades para todas as idades.

A partir das 10h30, o CAM aproveita o seu 30.º aniversário para receber o *Passa a Palavra*, uma oficina de manifestações fotográficas em que todos são convidados a descobrir e a expressar quais as palavras-manifesto escondidas nas obras do Centro de Arte Moderna. À mesma hora, quem preferir pode optar por um passeio pelo Jardim Gulbenkian

durante o qual miúdos e graúdos serão desafiados a criar livros instantâneos e postais ilustrados inspirados pelo contacto com a natureza, na iniciativa *Desejos para o Jardim*.

Os mais dados à expressão plástica podem dirigir-se ao Museu para participar numa construção coletiva de painéis em cartão e tinta, passando assim para à prática os conhecimentos que vão adquirir em *A Linguagem dos Azulejos*, uma atividade que anuncia a exposição temporária *O Brilho das Cidades*. Para os mais inquietos, no

Anfiteatro ao Ar Livre, uma bailadora vai estar a ensinar danças de vários cantos do mundo. Divertimento garantido em *Pé aqui, Braço acolá*.

Um pouco mais tarde, a *Morfogénesis Musical* faz a ponte entre a ciência e a arte, numa visita a uma instalação interativa que traduz em som e movimento a dinâmica do processo de desenvolvimento de um organismo controlado por uma rede genética – palavras complicadas que se transformam em aprendizagem e diversão, para maiores de 6 anos, a partir das 10h45 na Sede da Fundação Gulbenkian.

A manhã prossegue com *Dar Voz ao Pensamento*, uma iniciativa onde a exploração vocal e coral são as peças-chave. Jogos de intensidades, ritmos e repetições para chegarem à composição vocal que exprime a sua vontade atual, ao ar livre, no Jardim Gulbenkian. Ao mesmo tempo, na Sede, *A Nova Bailarina* convida a participar num espetáculo de dança que aborda questões éticas e valores base da construção pessoal e social, de uma forma pouco convencional e com muito humor.

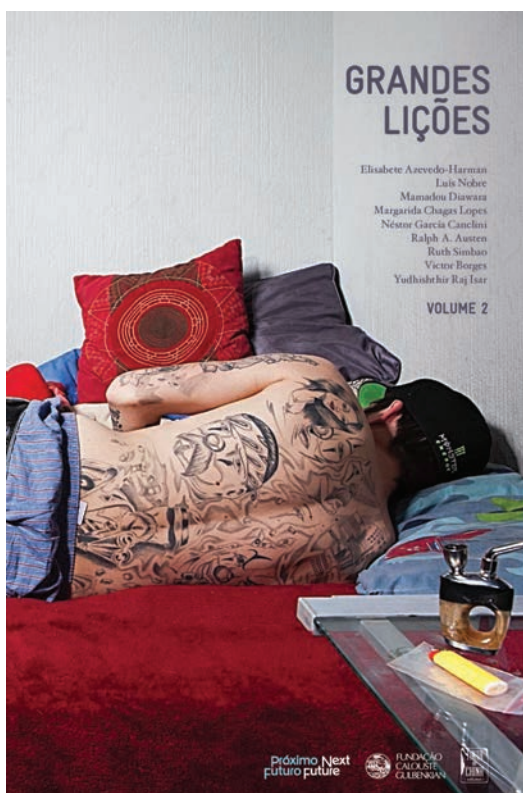


A partir do meio-dia, um grupo de músicos da Orquestra Gulbenkian convida pessoas de todas as idades a dirigirem-se ao Jardim da Fundação para fazer todas as perguntas de que se lembrarem sobre música e sobre a Orquestra nas *Conversas Musicais*. Entre palavras e música, nada ficará por responder. Meia hora depois, é tempo de *Zampadaças*, um baile mandado onde os participantes são desafiados a seguir as propostas de um mandador, numa série de danças de todo o mundo com acordeão, voz, bandolim, *ukelele*, cavaquinho brasileiro e violoncelo.

Com tudo isto, para quem estiver a ficar cansado, pode aproveitar as almofadas gigantes da instalação *Enquanto Falo as Horas Passam* para conversar, descansar e brincar, entre as 10h30 e as 17h, no Jardim.

Algumas atividades são de entrada livre e outras custam o preço simbólico de um euro. ■

Todos os horários e mais informações em:  
[www.descobrir.gulbenkian.pt](http://www.descobrir.gulbenkian.pt)



## Grandes Lições Volume 2

Já está disponível o segundo volume das *Grandes Lições*, que é o título do ciclo de conferências que desde 2009 o Programa Gulbenkian Próximo Futuro tem vindo a organizar. Refletir sobre a contemporaneidade e a forma como esta se manifesta na produção artística e cultural, através de um conjunto de atividades multidisciplinares, é o objetivo deste programa que, em maio deste ano, já publicou um primeiro volume de *Grandes Lições*, com a chancela das Edições Tinta da China.

No volume que agora se apresenta, são reunidos ensaios de vários autores convidados do Próximo Futuro, entre os quais se contam economistas, historiadores, políticos, humanistas, poetas, sociólogos e artistas, provenientes de cidades da África, da América Latina e da Europa, regiões onde este programa tem o seu principal enfoque.

“Vivem-se tempos de vertigem”, escreve Isabel Mota, administradora da Fundação, no texto de introdução a esta obra. “O mundo está diferente, e isso implica uma responsabilidade maior para os que nele têm capacidade de intervenção”, escreve, por seu turno, António Pinto Ribeiro, programador-geral do Próximo Futuro.

Assim, ao longo de cerca de 230 páginas, fala-se do futuro nos países em desenvolvimento, de “política cultural”, das “novas geografias na arte contemporânea africana”, mas também das “grandes incertezas da historiografia africanista”, da “longa primavera africana”, em alguns casos com intervenções muito focadas na África subsariana. Assinam os textos Elisabete Azevedo-Harman, Luís Nobre, Mamadou Diawara, Margarida Chagas Lopes, Néstor García Canclini, Ralph A. Austen, Ruth Simbao, Victor Borges e Yudhishthir Raj Isar. Este volume conta ainda com um ensaio visual de Luís Nobre, na forma de álbum de “desenhos estratégicos”. ■

### OUTRAS EDIÇÕES:

#### **Crítica da Razão Pura (8ª edição)**

Immanuel Kant

#### **As ‘notícias’ medievais portuguesas (análise, classificação e edição de documentos dos séculos X a XIII)**

Susana Tavares Pedro

#### **A Crónica de Portugal de 1419: fontes, estratégias e posteridade**

Filipe Alves Moreira



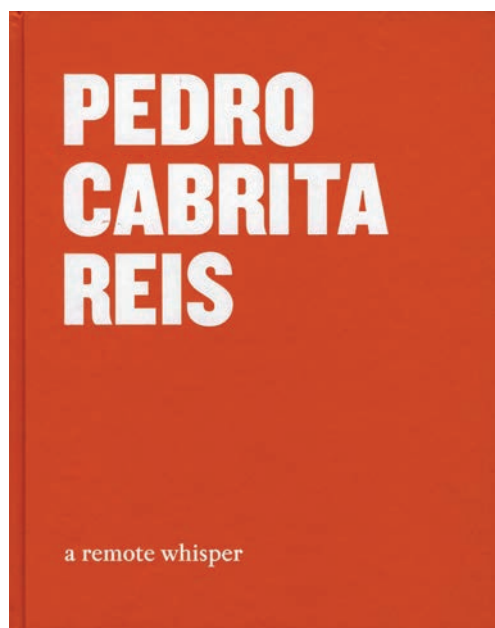
# Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

**A** expressão inglesa *a woman's work is never done* – que poderá traduzir-se por “o trabalho das mulheres é infindável” – é o tema da exposição que pode ser visitada, até 10 de novembro, na galeria gótica do castelo dos duques da Pomerânia, em Szczecin (Polónia). Organizada pelo International Cultural Centre de Cracóvia, onde foi inaugurada em abril, esta exposição foi concebida a partir de uma parte do acervo de gravuras das coleções da Biblioteca Científica da Academia Polaca de Artes e Ciências e da Academia Polaca das Ciências de Cracóvia.

Um tema tão vasto e multifacetado permitiu uma abordagem que vai para além das mais esperadas e convencionais representações das tarefas ditas femininas, como as ligadas ao lar, à família e à maternidade, sobretudo nos trabalhos gráficos produzidos no século XIX, quando o papel da intervenção da mulher na sociedade começou a mudar e a ganhar outras dimensões. Com um âmbito cronológico do século XV a meados de Oitocentos, as obras expostas incluem exemplares não só de artistas e gravadores masculinos como A. Dürer, Rembrandt, W. Hogarth, Rubens e Watteau, mas também de mulheres como Madalena de Passe, Elisabeth Claire Tardieu, Angelika Kauffman e Antoinette Haudebourt-Lescot. O livro que acompanha a exposição tem uma edição bilingue – polaco e inglês –, contém três ensaios e uma entrevista com o artista performativo polaco Adam Rzepecki (n.1950); as obras expostas são reproduzidas e acompanhadas de uma pequena ficha explicativa e complementadas com uma bibliografia selecionada. ■

**A** atual exposição de Pedro Cabrita Reis (n.1956) no Palazzo Falier é um dos eventos colaterais oficiais da 55.ª edição da Bienal de Veneza e poderá ser visitada até ao próximo dia 24 de novembro. Trata-se de uma enorme instalação/construção que ocupa os cerca de 700 metros quadrados do plano nobre deste palácio do século XIV, criada especialmente por Cabrita Reis para este evento e que combina tubos de alumínio, luzes fluorescentes e cabos que se espalham pelo chão e vestem as paredes, modulando o espaço e transfigurando-o. Tal como outros trabalhos do artista, também este evidencia singularidades do seu processo criativo, como a não distinção entre espaço de trabalho e espaço expositivo e a utilização e combinação de materiais diversos, incluindo, como o próprio revela, numa entrevista que o catálogo reproduz, “o que os outros abandonaram e deitaram fora”.

Desta exposição ficará para memória futura um belo livro que é também uma espécie de catálogo retrospectivo da obra de Cabrita Reis nos últimos anos, uma vez que contém 10 entrevistas, publicadas entre 2001 e 2008 quer em revistas de arte, quer em catálogos de exposições nacionais e estrangeiros, e reproduz as pinturas, esculturas, desenhos e outros trabalhos realizados entre 2009 e 2013. O livro contém ainda um texto da curadora da exposição do Palazzo Falier, Sabrina van der Ley, e as respetivas fotografias da instalação; completam-no uma bibliografia e dados biográficos do artista desde 2010. ■



## Biblioteca de Arte

# **Retrato de Lucie de Souza-Cardoso**

**S**e em 1915 grande parte da Europa vivia mergulhada naquele que foi o primeiro grande conflito bélico à escala mundial do século 20 (Portugal entrou nele em 1916, ao lado da sua velha aliada Inglaterra), em Manhufe, pequena localidade do concelho de Amarante, certamente que os ecos do horror dos campos de batalha apenas se adivinhavam de forma ténue através dos jornais. Foi para a casa familiar de Manhufe que o deflagrar da guerra obrigou Amadeo de Souza-Cardoso a retornar, impossibilitando-o de regressar a Paris, onde residia desde novembro de 1906 para realizar os seus estudos artísticos. A Manhufe chegou no verão de 1914 vindo de Espanha, por onde viajava na companhia de Lucie Meynardi Pecetto (1890-1987), uma jovem de ascendência italiana que tinha conhecido na capital francesa e com quem Amadeo mantinha, desde 1908, uma ligação amorosa longe do conhecimento da família. Pouco depois de chegarem, em setembro de 1914, o seu casamento realizou-se finalmente no Porto, tendo o casal ido viver para Manhufe, instalando-se na Casa do Ribeiro, junto da qual o pai do artista lhe tinha anteriormente mandado construir um ateliê. Foi aí que, em 1915, muito provavelmente, Amadeo terá fotografado Lucie. O artista terá realizado as primeiras experiências fotográficas em 1910, como o próprio revelou numa carta a Lucie existente no seu espólio: “[...] meu irmão tem uma machina fotográfica, em Manhufe farei algumas fotografias para te enviar.[...]”. A estes retratos de Lucie junta-se um outro, que será da mesma série, em que Amadeo (?) faz sobreposições de vários retratos fotográficos de ambos, explorando de forma estética as capacidades técnicas da fotografia.

Este conjunto de fotografias integram o Espólio de Amadeo de Souza-Cardoso, que foi doado no final da década de 1980 à Fundação Calouste Gulbenkian pela viúva do artista, e que é composto também por correspondência variada – inclui as cartas enviadas por Amadeo a Lucie entre 1908 e 1918, cartas e bilhetes-postais para diversos familiares, assim como para outros artistas com quem Amadeo manteve relações de amizade, entre os quais Eduardo Viana, Almada Negreiros,

Otto Freundlich e Amedeo Modigliani - recortes de imprensa, monografias e alguns objectos pessoais. Este espólio pertence ao acervo documental da Biblioteca de Arte (BA) que procedeu à digitalização de grande parte dos documentos que o compõem, preservando-os e, simultaneamente, tornando-os mais facilmente acessíveis a um público interessado. Embora alguns documentos estejam acessíveis apenas na rede local da BA, respeitando a legislação em vigor relativa a direitos de autor e de personalidade, uma parte das fotografias do espólio encontra-se disponível para consulta na internet, quer através do catálogo, quer mediante a participação no projeto Flickr The Commons. Lançado em Janeiro de 2008, o Flickr The Commons conta actualmente com 73 bibliotecas e arquivos públicos e privados de diversos países, que disponibilizam nessa plataforma de acesso livre e gratuito as suas coleções fotográficas. A BA é membro desde Maio de 2008, e neste momento a sua participação conta com mais de 13.200 fotografias. De todas, a fotografia que regista um maior número de visualizações – conta já com 53.990 – é precisamente uma das fotografias de Lucie de Souza-Cardoso em Manhufe. Entre as muitas dezenas de comentários que suscitou, destacamos este:

*“A photographer’s use of light defines his art as does color to a painter. This photograph has all the elements of greatness. Composition, subject, and lighting are perfection.”*

(o uso da luz por um fotógrafo define a sua arte como a cor define o pintor. Este fotógrafo tem todos os elementos para ser grande – composição, figura, iluminação são perfeitas). ■

Ana Barata

**Título/ resp** [Lucie, em Manhufe] [ Material gráfico ]

**Produção** [Manhufe, 1915]

**Descr. Física** 1 prova fotográfica : p&b ; 13 x 9 cm

**Parte de** Espólio de Amadeo de Souza-Cardoso [1890-1988]

**COTA** ASC 05/ 17



# DESCOBRIR

Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência

# TEMPORADA

# 2013/2014

**Escolas  
e grupos  
organizados**  
Marcações abertas

**Crianças,  
famílias  
e adultos**  
Bilhetes à venda



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN

[www.descobrir.gulbenkian.pt](http://www.descobrir.gulbenkian.pt)  
Informações e reservas: 217 823 800  
[descobrir@gulbenkian.pt](mailto:descobrir@gulbenkian.pt)

